

TODO TEXTO É UM HIPERTEXTO, MAS UNS SÃO MAIS HIPERTEXTOS QUE OS OUTROS: UMA REFLEXÃO SOBRE HIPERTEXTO E USO DE DICIONÁRIO ELETRÔNICO NO ENSINO DE IDIOMAS¹

Vitor Ricardo Duarte²

Lilian Cristine Scherer³

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca do conceito de hipertexto, tendo como referência elementos da linguística e da informática, principalmente. São aqui considerados dois posicionamentos que encaram o hipertexto de forma antagônica. Um, pauta-se pelo ponto de vista dos autores que defendem a concepção do hipertexto como uma metáfora do pensamento. O outro viés é costurado pelos entusiastas do desenvolvimento proporcionado pelas novas Tecnologias de Informação na produção dessa textualidade tecnológica reconhecida como hipertexto. O ponto de confluência dessas concepções é aqui estabelecido a partir da inter-relação desses posicionamentos para o entendimento da hipertextualidade e sua relação com o uso de dicionários eletrônicos.

Palavras-chave: Hipertexto. Dicionários eletrônicos. Tecnologias de Informação. Ensino de Língua.

O título deste artigo talvez seja de fácil reconhecimento para leitores de George Orwell. É uma paráfrase construída a partir da fala de um dos personagens da obra “A revolução dos bichos”. Tal expressão pode ser considerada um indicador da dificuldade de entendimento entre os pesquisadores e teóricos para chegarem a um consenso sobre o que exatamente venha a ser hipertexto. Isso posto, teceremos uma breve reflexão acerca desse conceito, contrapondo algumas das concepções presentes no discurso acadêmico. De forma alguma este artigo abarca todos os posicionamentos acerca do tema. Apresentaremos alguns autores que embasam o entendimento que adotamos e ao longo do artigo, pretendemos estabelecer relações entre hipertexto e dicionário, especificamente sobre o uso de dicionários eletrônicos para o ensino de língua estrangeira.

Buscamos na linguística a principal base teórica para fundamentar o conceito, sem deixar de lado aportes da filosofia, informática e ciência cognitiva. Desde os anos 1960, quando foi cunhado o termo “hipertexto” por Theodor Holm Nelson, estão presentes duas acepções em seu bojo. Uma que entende o hipertexto como um sistema unificador de ideias, dados e informações que se interconectam mediados por algum aparato tecnológico. A outra que concebe o hipertexto como um modo de pensar, um sistema cognitivo. Essas duas visões estão muito presentes nas discussões e reflexões deste tempo, seja como posicionamentos antagônicos ou conciliadores.

A gênese do hipertexto, no entanto, deu-se ainda antes, em 1945, quando o físico e matemático Vannevar Bush idealizou um dispositivo capaz de conectar e estabelecer ligações entre diferentes dados (KOMESU, 2005). De acordo com o próprio visionário desse aparato, “um memex é um dispositivo no qual um indivíduo armazena todos seus livros, arquivos e informações, e que é automatizado de tal modo que pode ser consultado com velocidade e flexibilidade excelentes. É uma esplêndida ferramenta que complementa a memória” (Bush, 1945 apud KOMESU, 2005).

O protótipo imaginado por Bush, modelo que naquele tempo poderia ser considerado como uma excentricidade da ficção científica, nos permite claramente visualizar o modelo de hipertexto que hoje utilizamos, quando acessamos um software de navegação na internet ou quando consultamos, em nossos computadores, uma enciclopédia digital multimídia gravada em DVD, por exemplo. Essa visão é tão contemporânea que em muito se assemelha àquela proposta por Pierre Lévy, amplamente divulgada e conhecida em todo o mundo:

“Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular” (LÉVY,1993:33).

Essa definição proposta por Lévy acrescenta, a partir da metáfora dos “nós ligados por conexões”, a definição de “link”.

Embora, como visto, o nascimento da terminologia e do conceito de hipertexto seja historicamente datado, há autores que entendem o “hipertexto” como uma operação cognitiva que ocorre no ato de leitura e interpretação de um texto. Ou seja, é função mental executada

pelo leitor como parte do processo de construção dos sentidos do texto. Essa função é ativada na leitura de qualquer modalidade textual, independentemente de seu suporte ser material ou digital. Para esses autores, tal procedimento é muito anterior ao advento da tecnologia “hipertexto”, sendo uma operação mental inerente ao ato da leitura, da compreensão e de interpretação textuais.

Coscarelli (2003) posiciona-se de forma bastante crítica frente aos acalorados defensores do “hipertexto” que o consideram como um produto inovador da informática. “Se pensarmos que hipertextos são um conjunto de textos interligados, por meio de links, não há por que acreditar que eles seriam tão diferentes assim dos textos que conhecemos.” Para essa autora, os mecanismos do hipertexto digital seriam semelhantes, se comparados, àqueles processos cognitivos que o leitor realiza quando da leitura de algum texto.

Ao refletirmos sobre os mecanismos que entram em jogo no ato da leitura de um texto impresso – seja ele um artigo de revista, um conto de Machado de Assis ou a manchete do jornal diário, entre tantos outros formatos textuais disponíveis, facilmente podemos concordar com Coscarelli (2003) que a leitura é uma atividade cognitiva “hipertextual”. Já é sabido que ao lermos um texto lidamos com uma série de operações mentais. Ao vasculharmos nossa memória, quando nos deparamos com uma referência desconhecida – tal como o “link” num hipertexto digital, procuramos estabelecer analogias com outros textos ou informações que já conhecemos e com nossos conhecimentos prévios. Buscamos semelhanças ou diferenças que precisam ser rearranjadas para completar o significado de um termo ou conceito que não foi completamente entendido na forma dada pelo autor.

Também “saímos” do texto auxiliados pelo uso de dicionários, *thesaurus* ou enciclopédias, entre outros recursos, na busca do conhecimento que nos falta para preencher as lacunas deixadas pelo autor. Como se percebe, no ato de ler, os movimentos de “saída do texto” ou de “vasculho na memória em busca de informações” são motivados por esses pontos de ancoragem que se estabelecem entre o leitor e o texto, na busca de sentido. Essas paradas podem ser comparadas aos “links” presentes no hipertexto digital. Esses pontos de conexão interligam eletronicamente, através de uma interface digital, informações alojadas em diferentes dispositivos eletrônicos. Portanto, a compreensão, segundo a autora, é uma operação que envolve vários domínios de processamento e vários tipos de conhecimento ou informação, de onde “podemos concluir que a hipertextualidade, ou seja, a conexão de elementos de ‘lugares’ diferentes para formar um outro todo (ou parte dele) é uma

característica da nossa cognição e não somente do texto como objeto físico.” (COSCARELLI, 2003: 2)

O próprio Pierre Lévy, um dos autores mais citados e considerados no que se refere às reflexões acerca da modalidade de hipertexto e também um dos grandes propagadores dos benefícios dessa “tecnologia da inteligência”, descreve a “pré-história” do hipertexto, mostrando relações entre essa textualidade e processos cognitivos, dando evidências de sua concordância com o fato de a leitura ser uma atividade complexa, realizada ou não num dispositivo hipertextual. Assim, o filósofo canadense apresenta o conceito de simulação embutido na interface hipertextual digital. Segundo ele:

“O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, *então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura.* Aqui, não consideramos mais apenas os processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas.” (LEVY, 1996, p. 43-44)

Marcadores gráficos em um texto, como asteriscos e algarismos sobrescritos ao final de uma palavra são há muito utilizados por escritores. Esses recursos “pré-hipertextuais” apontam ao leitor caminhos que poderá seguir (ou não) para complementar informações que não são relevantes na trama textual desenvolvida pelo autor. Há também outros procedimentos “hipertextuais” utilizados para conduzir o leitor a outras instâncias informativas: índice, sumário, citação direta e indireta, notas de rodapé ou de fim de capítulo, indicadas por algum sinal gráfico ou por numeração.

O título desse artigo, por exemplo, através de um procedimento intertextual, faz referência a uma obra clássica da literatura. A paráfrase aqui utilizada poderá, ou não, ser detectada ou ser do conhecimento do leitor. No caso dessa “citação maquiada” ser reconhecida pelo leitor ou leitora, sua atenção e sua memória serão ativadas, na tentativa de retomá-la, produzindo alguma associação e, por consequência, podendo adicionar uma outra camada de sentido a este artigo. No entanto, julgando ser pertinente obter conhecimento extratextual sobre a paráfrase utilizada no começo deste artigo, o leitor poderá abrir mão de outros recursos para informar-se sobre os autores da citação ou qualquer outra informação que

lhe interesse. Também poderíamos ter criado uma referência no texto, indicando, por exemplo, que ao final do artigo, informações complementares sobre esse excerto seriam encontradas. Todos esses recursos, aqui apontados e exemplificados, são utilizados há alguns séculos na história da escrita e da leitura e antecedem a concepção de hipertexto desenvolvida por Vannevar Bush em meados do século XX. Assim, claramente podemos perceber que há semelhanças entre marcar um texto impresso com um sinal gráfico ou criar um “link” em algum texto apresentado em num aparato digital. (KOMESU, 2005:1)

No artigo já mencionado, porém de forma ainda mais contundente, Coscarelli (2003) confirma sua descrença frente às vantagens e “novidades” propagadas por alguns autores ao anunciarem os recursos da tecnologia hipertextual. Contudo ela faz uma pequena ressalva entre o dispositivo informático e a operação cognitiva, por ela denominada de hipertextual, ao reconhecer que há algo novo nessa tecnologia. Assim, acaba apontando – e, diríamos, também concordando - que há uma diferença entre hipertexto como uma operação mental e como uma nova forma de escrita procedente do meio informático, ao afirmar que acredita “(...) que não há nada de novo no hipertexto, a não ser os mecanismos de navegação que tornam mais rápidos os acessos a outros textos.” (COSCARELLI, 2003:1). Assim posto, fica suspensa a pergunta, em que afinal o hipertexto digital difere do texto convencional e das “operações cognitivas hipertextuais”? Há diferenças ou temos que concordar com a visão da autora? Seriam apenas os mecanismos de “navegação” que diferenciariam o hipertexto digital do texto convencional? Tentar responder a tais indagações torna-se imprescindível a partir desse ponto.

Parece não ser mais possível concordar plenamente com a autora que “a principal diferença entre a leitura de tais textos, digitais e impressos, está nos mecanismos de “navegação” usados para ler: o hipertexto exige que o leitor conheça alguns ícones e convenções dos textos digitais.” (COSCARELLI, 2003). A experiência de uso desses recursos tecnológicos, já tão presente em nossas vidas, utilizados há mais de dez anos no Brasil pelo público leigo e em torno duas décadas em ambientes de pesquisas internacionais, somada a diversos estudos relacionados a essa “nova textualidade”, apontam que existem outros fatores a serem considerados na utilização, entendimento e exploração dos recursos da hipertextualidade.

SIMULAÇÃO E CONHECIMENTO

A simulação é procedimento presente e recorrente no uso das tecnologias da informação. Grande parte dos dispositivos que utilizamos em nossos computadores são simulações daquilo que ocorre no mundo. Por exemplo, um editor de textos como o *Word* ou *Write*, num primeiro momento, teve como referência a máquina de escrever para que sua interface fosse elaborada. Na tela do computador são imitadas tarefas, tais como alinhamentos e tabulações, recursos presentes nesse dispositivo mecânico. Da tipografia mecânica, importou-se para o editor digital a possibilidade de trocar os “tipos”, ou seja, formatar os caracteres com estilos de fontes e efeitos utilizados na indústria gráfica. O mesmo deu-se com *softwares* para tocar música no computador: botões e teclas de um aparelho de som são simulados na tela do computador, permitindo que o usuário facilmente os reconheça e transfira conhecimentos do uso dos aparelhos elétricos ou mecânicos para o dispositivo simulado na forma de interface digital. A lista de exemplos de dispositivos simulados no computador é muito extensa, mas só para apontar alguns mais: jogos, calculadoras de diversos modelos, simuladores de voo, simuladores de reações químicas, simuladores de condições meteorológicas, livros digitais, cadernos de receitas, visitas a museus e seus acervos, mapeamento de cidades, entre tantos outros. Todos esses exemplos, como quase todos os objetos simulados, têm semelhança e fazem referência a objetos ou procedimentos existentes no cotidiano das pessoas. A simulação faz parte da cultura informática e está cada vez mais presente em muitos dos *softwares* e aplicativos utilizados por todos.

Percorrendo o mesmo caminho de análise da transformação de alguns artefatos culturais em produtos simulados, podemos considerar que o hipertexto digital é também uma simulação de um processo cognitivo utilizado pelo leitor no ato da leitura, bem como de recursos por ele adotados na busca de informação ou conhecimento exteriores ao texto lido. Em uma análise sobre as tipologias textuais emergentes, aquelas derivadas dos processos informáticos, Marcuschi, um conhecido linguista brasileiro, afirma que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita.” (MARCUSCHI, 2005:13) Comungamos com Coscarelli (2003) o entendimento de que o hipertexto pode ser considerado uma metáfora cognitiva de procedimentos que ocorrem no ato da leitura. No entanto, não podemos concordar com sua afirmação de que o hipertexto digital difere das

“atividades mentais hipertextuais” apenas pelos recursos de navegação disponibilizados em sua interface gráfica. Ele é também uma replicação das operações cognitivas já descritas. Mas é, além disso, uma amplificação das possibilidades de indexação e referenciação utilizadas na produção textual tradicional e gráfica. É, porém, muito mais do que isso tudo, um suporte eletrônico que permite convergência, simulação e hibridização de operações cognitivas com todos esses recursos de indexação agregados e essa variedade de linguagens presentes nos computadores.

O hipertexto digital é uma textualidade híbrida, mestiça, que dialoga com diversas outras textualidades e interfaces: gráficas, visuais, sonoras; estáticas ou dinâmicas. Todas interagindo de forma simultânea, utilizadas em tempo real pelo usuário através do acionamento de algum “comando-link” disponibilizado pelo autor do hipertexto. Esse acionamento remeterá o leitor a algum outro espaço virtual que trará informações midiáticas complementares ao texto principal. Pensamos que essa dinamicidade da interface hipertextual digital radicalmente a diferencia da superfície textual utilizada desde a prensa de Gutenberg, evidenciando recursos muito além daqueles de navegação na rede. Xavier (2005) descreve magistralmente a riqueza semiótica em que consiste esta textualidade, assim afirmando:

“Peculiaridade do hipertexto intrinsecamente ligada à anterior é a pluritextualidade, denominada por alguns autores também de multitemiose. A pluritextualidade é uma novidade fascinante do hipertexto por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais. A fusão dos diversos recursos das várias linguagens numa só tela de computador acessíveis e utilizáveis simultaneamente num mesmo ato de leitura provoca um construtivo, embora volumoso, impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura.” (XAVIER, 2005:175)

TODA PALAVRA É UM *HIPERLINK*

O hipertexto digital, tal como descrito por Lévy (1993) no início deste artigo, tem como pressuposto básico a marcação e a delimitação dos *hyperlinks* pelo produtor do texto. Todo o mapeamento de *links* é determinado *a priori* pelo autor, restando ao leitor do hipertexto optar por seguir ou não os trajetos de navegação propostos. Assim tem sido a configuração usual de um hipertexto, independente de a âncora textual ser uma palavra, uma imagem ou alguma outra marca mapeada pelo autor. Os primeiros hipertextos digitais marcavam seus *links* com uma palavra sublinhada, inicialmente em azul. Pesquisas e

desenvolvimento no conceito de *design* interativo permitiram que o sublinhado se tornasse opcional, sendo o *link* reconhecido através da movimentação do *mouse* pela tela, gerando assim o desenho de uma interface mais limpa. Ainda assim, os *links* são predeterminados por quem estruturou o documento hipertextual.

No entanto, no presente, praticamente todo texto digitalizado e carregado em uma tela de computador torna-se potencialmente um hipertexto, independente de ter *links* predeterminados ou não. Já há um bom tempo, desde a entrada do ambiente *Windows* no início dos anos 90, os *softwares*, aplicativos e utilitários computacionais comunicam-se entre si, possibilitando a troca de informações entre eles. Nesse âmbito, todo texto digital aberto em um editor de textos ou num navegador da internet poderá indexar-se ou vincular-se a algum outro software, bem como a aplicativos de referência ou mesmo à internet. Após realizadas as devidas configurações, poderão ser automatizadas funções de acionamento de diversos dispositivos de consulta pela simples seleção e clique de um termo ou palavra desconhecido pelo leitor. Não mais é necessário que esse caminho seja predeterminado pelo escritor do texto. Toda palavra digitalizada torna-se um *link* em potencial.

Quando a dúvida se instaura, na leitura de qualquer texto, o leitor engajado recorrerá a alguma obra de referência para esclarecimento. A página do dicionário é aberta e o leitor rastreia em busca do significado ou se utiliza de algum mecanismo de busca na internet. Isso feito, retorna à leitura do texto condutor com uma informação adicional e complementar em mente. Esse procedimento, realizado com materiais impressos, demanda muito mais tempo. Muitas vezes requer deslocamento físico do leitor para encontrar a fonte da informação, demandando tempo para localizar determinada obra de referência numa estante e, por conseguinte, para manusear o material até chegar ao termo buscado.

As novas tecnologias dinamizam e potencializam o processo de consulta a obras de referência. O automatismo chegou a ponto de se poder simular inteiramente o procedimento que usamos quando nos deparamos com um termo ou conceito desconhecido na leitura de um texto impresso, já descrito no parágrafo acima. A tecnologia computacional adiciona facilidades a essa busca. Assim, nessa intercomunicação entre interfaces e programas, toda e qualquer palavra torna-se âncora num texto digitalizado. O duplo clique do mouse poderá automaticamente ligar essa palavra a algum *software* de consulta, como uma enciclopédia ou dicionário, quer esteja armazenado num DVD, no próprio computador, no *pen-drive*, na internet ou em qualquer outra mídia possível. Dessa forma, o processo de pesquisa é

automatizado, produzindo resultados quase que instantâneos. Um simples clique em uma palavra abre uma janela com a definição do termo. Ou abre uma janela com a tradução de uma palavra em língua estrangeira. Ou uma enciclopédia é disponibilizada com opções multimídias.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO

Em que difere acessar esses dispositivos digitais de pesquisa, se comparado aos materiais impressos de consulta? Em muitos aspectos. Primeiramente, o acesso ao material de consulta torna-se extremamente facilitado no uso de hipertextos. Ganha-se tempo no processo de busca da informação: através de um simples clique do *mouse* sobre um termo estará disponível, para o leitor, uma definição. Quando comparado ao tempo dispensado para localizar um termo em algum dicionário impresso, a diferença é considerável. Conseqüentemente, o retorno ao texto fonte é muito mais rápido, facilitando assim a retomada do já lido e a incorporação da nova informação àquilo assimilado pela leitura do texto, num hiato temporal consideravelmente reduzido. Essa redução facilita a operacionalização da memória de trabalho, auxiliando o processamento do texto. Devido a essa agilidade, a busca pelo não sabido é motivada durante o ato da leitura, num processo quase que síncrono com a atividade leitora.

O hiperleitor também se beneficiaria de todas as possibilidades intersemióticas oferecidas pelo hipertexto. Convém retomar o conceito de hipertexto, entendido como uma forma mestiça, assim proposta por Xavier (2005): “por hipertexto entendo ser uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” (XAVIER, 2005:171). O estudante de sua língua materna bem como o estudante de um segundo idioma teriam enormes benefícios ao integrar a utilização de dicionários eletrônicos à leitura hipertextual. Ao considerar essa integração, referimo-nos ao texto digitalizado que potencialmente torna-se um hipertexto, sem necessariamente ter seus termos pré-definidos como *hiperlinks*, como já comentado. Os dicionários eletrônicos atuais disponibilizam muitos recursos que podem facilitar o estudo de um idioma. A facilidade de localização de um termo desconhecido seria um dos grandes diferenciais no uso desse dispositivo. Além da definição – e aí radicalmente diferindo do dicionário impresso – o leitor tem acesso à pronúncia da palavra, a recursos

multimídias como ilustrações e animações, a simulações de conceitos que podem auxiliar na compreensão do léxico, a gravações sonoras de frases e citações ou mesmo a textos completos.

Grande parte desses dicionários oferece outros recursos de consulta, indo muito além das definições semânticas: disponibilizam exercícios gramaticais e de vocabulário; incorporam gramáticas e guias de estilo do idioma; milhões de exemplos de uso dos termos recolhidos de diversos corporas linguísticos; dicionários de termos semelhantes e dicionários de antônimos, entre outros recursos. Assim, tornam-se muito mais que um dicionário, embora ainda seja essa a palavra que defina esses compêndios linguísticos. Claro, todos esses recursos são acessados em obras impressas. No entanto, a sua digitalização permite que numa única mídia sejam armazenados todos conjuntamente, o que ocuparia diversos volumes, se impressos. Aí está outro grande benefício do hipertexto: fácil acesso, integração e manuseio de variados instrumentos linguísticos. O usuário de um bom dicionário eletrônico, na verdade, carrega consigo todo um acervo de obras de referência pertinentes à linguagem.

Do final dos anos 1990 para cá, algumas edições de dicionários de língua inglesa começaram a trazer resultados das pesquisas realizadas a partir da utilização de corporas linguísticos. Isso significa, em poucas palavras, o acesso a exemplos reais de uso do idioma. São exemplos coletados diretamente de fontes de produção oral e escrita, em situações reais de uso do idioma, por falantes proficientes naquele idioma. Conseqüentemente, esses exemplos são armazenados em bancos de dados, tornando-se fontes para consultas, pesquisas e estudo através de diversas possibilidades de acesso das informações através das interfaces informáticas. Dicionários que disponibilizam corporas linguísticos procuram omitir a utilização de construções e exemplos “falsos” de um idioma - exemplos criados artificialmente para exemplificar um termo - que apesar de funcionarem gramaticalmente, falham quando usados em situações comunicativas reais. Poder consultar um dicionário digital que traz embutido um corpora linguístico e saber integrá-lo à leitura pode significar para o aprendiz o acesso a um acervo de conhecimentos linguísticos e exemplos de uso de um idioma, tal como utilizado pelos usuários daquela língua. Assim, com esse acesso simplificado pela tecnologia hipertextual, o leitor poderá, sempre que bem o entender, fazer uso dessa ferramenta para o aprimoramento do seu conhecimento do idioma estudado.

O DEVIR É AQUI E AGORA

Textos impressos estão migrando para suportes digitais. Num primeiro momento da história da hipermídia, editoras e meios de comunicação ofereciam, concomitantemente, seus produtos aos leitores, tanto no suporte papel como no formato digital. Não custa lembrar que essa prática é usual e recorrente. Por diversas razões, incluindo-se entre elas reduções de custo, fácil distribuição da produção escrita e minimização do impacto ambiental pela redução de impressões, cada vez mais diversos tipos de textos são disponibilizados apenas no formato digital, seja através de um site na internet ou de um arquivo em PDF (entre outros formatos). As editoras acadêmicas foram talvez as primeiras publicações a serem apresentadas exclusivamente apenas na versão digital. Jornais, para se manterem economicamente sustentáveis – isso significa para não fecharem completamente suas portas - estão sendo distribuídos exclusivamente através de interfaces eletrônicas, dispensando toda a tecnologia gráfica que marcou sua produção. Editoras de livros, a partir de parceria com a mega vendedora de livros *online* Amazon.com, oferecem livros no formato digital, para serem instalados e acessados num dispositivo especialmente desenvolvido para esse fim, denominado Amazon's Kindle. Apenas alguns exemplos, para ilustrar a inexorabilidade do processo de transmutação do texto impresso para a versão eletrônica e digital.

Ao mesmo tempo em que o mercado editorial produz e planeja a circulação e recepção de sua produção por um leitor de interfaces luminosas, os “*gadgets*” estão mais e mais acessíveis ao homem contemporâneo. Ao contrário do dispositivo Kindle da Amazon.com que pode ser utilizado unicamente para a leitura de livros, jornais e revistas – e ainda a um preço bastante alto - as telas estão mais e mais presentes em uma grande variedade de dispositivos. Celulares, *laptops*, computadores de mesas, *palm-tops*, *ipods*, MP4 e câmaras fotográficas são todos eletrônicos que possuem dois requisitos essenciais para visualização de imagens e textos: memória para carregá-los e uma interface de saída, no caso a tela, para leitura e acesso. A maioria desses dispositivos apresenta uma tela em torno de 2,5” e o Kindle oferece uma saída de 6”, oferecendo maior conforto óptico entre outros recursos ergonômicos que facilitam a leitura. Essas microtelas circulam por nossas mãos diariamente. A grande maioria das pessoas, de uma forma ou outra, interage com elas em seu cotidiano. Talvez ainda não as utilizem como dispositivos para leitura, como algo presente à sua prática de leitura. No entanto, a possibilidade está ali, latente, à disposição.

Quando o texto migra para esses dispositivos, muitos deles possibilitam que o texto ali armazenado torne-se um hipertexto digital. Entretanto, isso não é uma garantia. Convém lembrar que nem todo texto digitalizado oferece necessariamente as possibilidades hipertextuais já descritas. Isso decorre de diversos fatores, tanto da forma como o documento digital é eletronicamente produzido e codificado, como dos recursos tecnológicos disponíveis no leitor digital.

Um texto linear clássico, mesmo digitalizado, não será lido como um verdadeiro hipertexto, nem como uma base de dados, nem como um sistema que engendra automaticamente textos em função das interações com as quais o leitor o alimenta.

O leitor estabelece uma relação muito mais intensa com um programa de leitura e navegação que com uma tela.(LÉVY, 1996: 42)

O desenvolvimento tecnológico, no que se refere às textualidades emergentes, tem mostrado - apesar da ressalva feita logo acima por Lévy (1996) - que parece ser irreversível que o texto digital torne-se plenamente hipertextual. Lembrando que essa plenitude hipertextual, como já afirmado anteriormente, possibilita que cada palavra torne-se um *hyperlink* potencial, que pode ser determinado e acionado pelo leitor. Ainda que nem todos os dispositivos digitais permitam essa multissensibilidade plena, a partir da transformação de cada palavra em *link*, mesmo assim, pela convergência das mídias eletrônicas, a hipertextualidade estaria ainda acontecendo. A convergência, para lembrar, permite que diversos *softwares* se comuniquem entre si. Os ambientes multitarefas possibilitam que diversos aplicativos e *softwares* rodem ao mesmo tempo no computador. Convergência e multitarefas são propriedades das novas tecnologias. Mais ainda, muitos desses “*gadgets*” podem (e devem) ser entendidos como computadores de mão, embora com menos recursos, mas assim mesmo convergentes e multitarefas.

Isso posto, um usuário de um celular, por exemplo, teria benefícios mesmo que pudesse abrir um texto digitalizado que não possibilitasse o entrelaçamento automático de uma palavra com uma definição de algum dicionário eletrônico. Se assim o quisesse, ele ou ela poderia abrir, concomitantemente, uma versão digital de algum dicionário digital alojado na memória do dispositivo ou mesmo acessar algum disponível na grande rede, a partir de conexão via internet disponível em muitos celulares. Fazendo isso, onde estivesse poderia, com o auxílio da obra de referência digitalizada, complementar a lacuna de conhecimento encontrada no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida que as tecnologias tornam muito mais fáceis o acesso à informação e ao conhecimento. As possibilidades oferecidas pela tecnologia hipertextual podem alavancar o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem, uma vez que o hipertexto permite o entrelaçamento de diversas mídias portadoras de significado que, através da malha hipertextual, podem intercomplementar-se na produção de sentido. Essa inter-relação, intercomplementaridade, hibridização sónica, mestiçagem de linguagens que convergem e se misturam através de uma interface tecnológica, é que tornam o hipertexto digital “mais hipertexto que os outros textos”. No que se refere ao uso do dicionário eletrônico atrelado a hipertextos, as possibilidades de utilização e aprendizado com esta ferramenta são muitas, como já apontado.

Convém salientar que facilitar não significa garantir. Possibilitar e permitir acesso aos recursos e conhecimentos tecnológicos também não são garantias de sucesso na aprendizagem de um outro idioma, por exemplo. Com isso queremos dizer que se sujeitos não estiverem plenamente capacitados em questões que são anteriores ao uso dos dispositivos tecnológicos, entre eles sua formação leitora, de nada valem tais dispositivos. Também a mobilização e o comprometimento do indivíduo rumo à aprendizagem são determinantes. As tecnologias digitais, com certeza, facilitam esse percurso, encurtando distâncias entre o desejo/necessidade de conhecimento e a sua fonte. É condição *sine qua non*, para apropriar-se inteligentemente dos recursos tecnológicos, ter pleno domínio da palavra escrita, ser leitor proficiente, independente de se empregar o suporte digital ou impresso. Para o leitor autônomo, as tecnologias hipertextuais podem ser pontes entre ele e o conhecimento que está na linha do horizonte. Para isso, é preciso que o letramento ocorra nas duas direções, paralelamente, formando leitores proficientes, capazes de transitarem pelos diversos suportes e gêneros textuais, impressos ou digitais, que já existem ou que ainda venham a existir.

EVERY TEXT IS A HYPERTEXT, BUT SOME ARE MORE HYPERTEXTS THAN OTHERS: REFLECTIONS ON THE HYPERTEXT AND THE USE OF DIGITAL DICTIONARIES IN LANGUAGE TEACHING/LEARNING

ABSTRACT

This article presents a reflection about hypertext, which references mainly some aspects of Linguistics and Information Technology. Two different approaches, although antagonistic towards each other, are considered here to analyze the hypertext as a theoretical concept. The first is held by authors who advocate hypertext as being a metaphor of thought. The other view, which is held by Information Technology enthusiasts, is in favor of the development offered by digital technologies in the production of such textuality recognized as hypertext. The point of confluence of these theoretical frameworks is provided here in order to inter-relate such approaches with hypertextuality and the use of digital dictionaries.

Keywords: Hypertext. Digital dictionary. Information Technology. Language learning.

NOTAS

- ¹ Artigo produzido para a disciplina de “Teorias Cognitivas do Texto”, ministrada pela Prof^a Dr^a Onici Claro Flôres.
- ² Mestrando em Letras (Leitura e Cognição) da UNISC.
- ³ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, Carla Viana. *Espaços hipertextuais*. (Apresentado no II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, realizado na FAE/UFMG, em julho de 2003).

KOMESU, Fabiana. Pensar em Hipertexto. In: *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*, organizado por Júlio César Araújo e Bernardete Biasi-Rodrigues (Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.87-108).

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção TRANS)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.), *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 13-67.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In. MARCUSCHI, Luiz Antônio.

XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. pp. 170-180.

Recebido em 30/06/2009

Aprovado em 16/07/2009